



O percurso da resignação: leitura semiótica de “Fenomenologia da resignação”, de José Paulo Paes

Carolina Tomasi*

Resumo: Este artigo tem como objetivo uma leitura semiótica do poema “Fenomenologia da resignação”, de José Paulo Paes. O texto está dividido em três partes. Na primeira parte, abordamos, no nível discursivo, a enunciação e as isotopias; na segunda, tratamos do percurso do *eu* e, na terceira, examinamos a modalização e a paixão, bem como o ser e o parecer. Finalmente, apresentamos uma breve conclusão, salientando aspectos fenomenológicos da percepção que vão da exclusão à participação. Este artigo focaliza o percurso da resignação, que vai da subjetividade à alteridade. Para essa leitura, utilizamos alguns dos recursos que a semiótica de linha francesa nos proporciona. Preferimos optar pela palavra “leitura” a “análise” por configurar-se esta última um objeto de estudo mais extenso. Para Hjelmslev (1975, p. 27), as análises levam em conta a exaustividade, tarefa mais apropriada para uma investigação aprofundada, o que não configuraria o escopo deste artigo. Com base na leitura do poema de José Paulo Paes, e verificamos como esse texto poético é dado como um objeto semiótico (Greimas; Courtés, 1983, p. 313). Ao tratar da resignação, o sujeito percebe que os acontecimentos têm um percurso, cujo *continuum* compreende tonicidades e atonicidades, paradas e continuações, apogeu e declínio, como diz Mário de Andrade (1987, p. 71) em “Prefácio interessantíssimo” de *Pauliceia desvairada*: “As decadências não vêm depois dos apogeus. O apogeu já é decadência, porque sendo estagnação não pode conter em si um progresso, uma evolução ascensional.” O sujeito resignado seria, pois, aquele que tem o “saber” de que os acontecimentos, ao atingirem o apogeu da tonicidade, não podem ir além desse “mais mais”, iniciando-se, em seguida, o percurso do “menos mais” em direção à atonicidade.

Palavras-chave: enunciação, modalização, paixão

Introdução: leitura e não análise

Optamos pelo uso da palavra “leitura” no lugar de “análise” por configurar-se esta última um objeto de estudo mais extenso. Para Hjelmslev (1975, p. 27), as análises levam em conta a exaustividade, tarefa mais apropriada para uma investigação aprofundada.

1. Objetivo e objeto

Este artigo tem como objetivo empreender uma leitura por meio de alguns dos recursos que a semiótica de linha francesa apresenta.

O objeto deste trabalho é a leitura semiótica do poema “Fenomenologia da resignação”, de José Paulo Paes¹ publicado postumamente no livro intitulado *Socráticas* (2001). Esse livro é dividido em três partes: (1) Alpha; (2) Beta e (3) Gamma. O poema estudado neste

artigo encontra-se na primeira parte (Alpha). Vejamos o poema:

Fenomenologia da resignação

- 1 Comigo isso jamais aconteceria.
- 2 Se acontecer, eu sei o que fazer.
- 3 Da próxima vez não vai ser tão fácil.
- 4 Quem já não passou por isso?

O poema conta com quatro versos numerados, o que não é destituído de significado. Poemas ocidentais são lidos nessa direção, mas ao numerar os versos, o efeito de sentido produzido parece mais de proposições lógicas do que de poesia propriamente dita. Além disso, o título traz uma expressão filosófica (“fenomenologia da resignação”), que retomaremos nos comentários às isotopias. A esses sentidos estranhos ao mundo poético, acrescenta-se um sentido intertextual, que dialoga com

* Universidade de São Paulo (USP). Endereço para correspondência: (carollausp@hotmail.com).

¹ José Paulo Paes (1926-1998) foi poeta, tradutor, crítico e ensaísta.

o aforismo socrático “Conhece-te a ti mesmo”. Não esqueçamos que o poema se encontra no livro *Socráticas*. Passemos agora a focalizar o nível discursivo.

2. Nível discursivo

Tomemos inicialmente os significados de dicionário (Houaiss, 2001):

1. Significado de resignar:
Submeter-se sem revolta a, conformar-se. Do latim, descobrir, desvelar.
2. Significado de resignação:
Ato ou efeito de resignar-se; submissão à vontade de alguém ou ao destino; aceitação sem revolta dos sofrimentos da existência.
3. Significado de resignado:
Que suporta o mal sem se revoltar; conformado. Resignatus: tirar o selo, desvendar, desvelar.

2.1. Enunciação

Vamos, para facilitar a leitura, dividir o poema em duas partes. A primeira compreende os dois primeiros versos, e a segunda, os dois versos finais.

Em:

- 1 Comigo isso jamais aconteceria.
- 2 Se acontecer, eu sei o que fazer.

há uma debreagem actancial enunciativa ou debreagem enunciativa de pessoa, pois os pronomes pessoais “comigo” e “eu” instalam uma *pessoa* no enunciado.

Todavia, retomemos a noção de enunciação de (Benveniste, 2006, p. 84), “[...] a emergência dos índices de pessoa (relação *eu-tu*) [...] não se produz senão na e pela enunciação: o termo *eu* denotando o indivíduo que profere a enunciação, e o termo *tu*, o indivíduo que aí está presente como alocutário”.

Instalada uma pessoa no enunciado, deduzimos, em contrapartida, a projeção de uma “não pessoa”, ou de uma *persona*.

O enunciado “comigo isso jamais aconteceria”, por meio do marcador de primeira pessoa “comigo”, produz um efeito de sentido de individualidade em relação a um papel social (Fiorin, 2001, p. 99). Dessa forma, o verso 1 pressupõe outro enunciado: “com outros isso já aconteceu”.

Utilizar a primeira pessoa, da ordem da subjetividade, em lugar da terceira, da ordem da objetividade, é dar ênfase ao papel individual em detrimento do papel social, do outro.

Em:

- 3 Da próxima vez não vai ser tão fácil.
- 4 Quem já não passou por isso?

há uma debreagem enunciativa de tempo, pois os verbos estão na terceira pessoa do singular; os pronomes que em 1 e 2 marcavam o “eu” saem explicitamente de cena nos enunciados 3 e 4, ficando apenas implícitos. Salientamos que isso não quer dizer que o enunciador de 1 e 2 desapareceu. Ele continua ali, mas, por meio da debreagem enunciativa de tempo e do uso da “não marca” de primeira pessoa, enfatiza agora o papel do “outro” e não do indivíduo, como nos primeiros versos.

Noutros termos, em 1 e 2 temos o indivíduo (ator “eu”) que não compartilha o acontecimento com os “outros” (ator “social”): “1 Comigo isso jamais aconteceria./2 Se acontecer, eu sei o que fazer.” O actante explícito, em 1 e 2, é individual e considera-se imune e separado do todo, ou seja, um sujeito incólume ao “acontecimento” a que o outro está sujeito.

De 2 para 3, observamos uma progressão da parte, do eu, em direção ao todo, ao outro. É de ressaltar, como já afirmamos, que, em 3 e 4, o enunciador não é marcado, mas está no enunciado de forma implícita. Em “*Da próxima vez não vai ser tão fácil*” (grifos nossos), por meio do uso da locução adverbial, concluímos que o sujeito já sofreu a chegada de um acontecimento. Ora, se existe uma “próxima vez” é porque existiu uma “anterior”. No enunciado do verso 1, o ator “eu” nega o acontecimento (“comigo isso jamais aconteceria”); em 2, considera-se com a competência do “saber-fazer” para se sair “ileso” diante de um possível acontecimento (“se acontecer, eu sei o que fazer”); em 3, o eu do enunciado inclui-se no grupo dos suscetíveis ao acontecimento e considera-se, nesse momento do poema, um sujeito de competência não suficiente, ou com um “saber” pouco suficiente, e suscetível, então, a um próximo acontecimento (“da próxima vez não vai ser tão fácil”); em 4, ele já se considera incluído no grupo dos “suscetíveis” ao acontecimento (“quem já não passou por isso?”). Daí que, o sujeito, que antes se considerava imune (verso 3), começa a perceber-se não incólume aos reveses, para, no quarto verso, render-se e sentir-se incluído entre os que são suscetíveis aos acontecimentos da vida. Trata-se de uma operação lógica (lembre-se de que os versos são numerados como se constituíssem um silogismo): se o sujeito faz parte do todo, não pode “ficar ileso” a infortúnios (“quem já não passou por isso?”).

O movimento do poema assume o percurso da exclusão para a participação; vai do *eu* (subjetividade/identidade) para o *não eu* (alteridade), do indivíduo para o outro, como vimos pela mudança na debreagem: 1 e 2, enunciativa; 3 e 4, enunciva.

Resumidamente, temos:

Enunciados	Nível discursivo		Catálises possíveis
1. Comigo isso jamais aconteceria	Debreagem enunciativa de pessoa (comigo)	Instalação explícita do eu no enunciado (eu = individual)	Com “outros”, isso já aconteceu.
2. Se acontecer, eu sei o que fazer	Debreagem enunciativa de pessoa (eu)	Instalação explícita do eu no enunciado (eu = individual)	Sabe o que fazer, porque já aconteceu com “outros”.
3. Da próxima vez não vai ser tão fácil	Debreagem enunciativa de tempo (verbo na 3ª pessoa do singular)	Não explicitação do eu no enunciado (outro = social); continua o enunciador presente, mas implícito	Já aconteceu com o “eu”, ator do enunciado: começa a inclusão do “eu” no “outro”.
4. Quem já não passou por isso?	Debreagem enunciativa de tempo (verbo na 3ª pessoa do singular)	Não explicitação do eu no enunciado (outro = todo)	Se o outro passou por isso e eu sou parte do todo, logo, todos passarão por isso, inclusive “eu”. Acontece com todos (eu + outros). O “eu” considera-se parte do “outro”.

2.2. O percurso do “Eu”

Vejam os efeitos de sentido de alguns verbos e advérbios do poema.

Verso 1

“Comigo isso *jamais* aconteceria”
(grifos nossos)

Como dissemos, no enunciado do primeiro verso, o “eu” exclui-se do “outro”. De um lado, “eu”; de outro lado, o “outro”.

O verbo “aconteceria” no condicional (futuro do pretérito), modalizado pelo advérbio *jamais*, cria um efeito de confiança absoluta, configurando a imagem do não resignado. O advérbio *jamais* é uma forma enfática de negar o acontecimento na vida do sujeito, o “eu” explícito no enunciado (Fiorin, 2001, p. 169).

O uso do futuro do pretérito também adiciona o sentido aspectual de duratividade. O acontecimento que é da ordem do pontual, aspectualizado pelo uso do condicional, passa a durativo, no sentido de que esse sujeito estaria sempre imune aos reveses da vida. Assim, o sujeito do enunciado repele discursivamente, de forma peremptória, a possibilidade de que o acontecimento que se atualizou na vida de terceiros venha-lhe a ocorrer (“comigo isso jamais aconteceria”). O enunciador deixa claro que, do seu ponto de vista, tal acontecimento não pode ocorrer-lhe, só aos outros. Ora, o “eu”

do enunciado acredita, em um primeiro momento, que o acontecimento é da ordem do previsível, e, portanto, se é previsível, ele pode passar à margem dele.

Essa postura do sujeito vai paulatinamente cedendo lugar à atitude de *resignação*: enquanto no verso 1 o sujeito é *insubmisso*, nos versos 2 e 3 sua postura começa a dar lugar a um sujeito *não insubmisso* e a um sujeito *não resignado*, ou seja, ele começa a admitir o acontecimento em seu cotidiano; etimologicamente *descobrir*, como vimos, é um dos sentidos de *resignar*; enfim, nosso sujeito descobre que também ele está sujeito ao acontecimento em seu percurso. No verso 4, finalmente, alcança um comportamento resignado (“quem já não passou por isso?”), ou seja, descobre-se, percebe-se, parte do outro.

Verso 2

“Se acontecer, eu sei o que fazer”
(grifos nossos)

O “eu”, simulacro do momento da enunciação, expresso por “sei”, instaura um enunciador, modalizado pelo “saber fazer” (“eu sei o que fazer”) quando o “*survenir*” irromper. Paradoxo, talvez, pois o sujeito se diz capaz de prever e enfrentar o que lhe possa sobrevir (“se acontecer”), que é da ordem do não previsível. Todavia, prever o acontecimento seria dar-lhe estatuto de esperado, o que leva, paradoxalmente, à espera do inesperado; à semelhança do que acontece com a

“não pessoa” do poema, o ator do enunciado também estaria sujeito ao (in)esperado. Ao confrontar-se com o outro, porém, o sujeito sente-se de posse do “saber fazer”, enquanto os outros não detêm esse saber: “Se acontecer, eu sei o que fazer” (pressuposto: ele sabe, mas os outros não).

Verso 3

“Da próxima vez não vai ser tão fácil.”

A temporalidade de um discurso é produzida na e pela enunciação. Por meio dela, instaura-se a categoria do presente e, desse presente, nasce a categoria do tempo. É o presente o originador do tempo. O homem não possui outra possibilidade de viver o “agora”, e de torná-lo atual, se não o fizer por meio da colocação do mundo em discurso (Benveniste, 2006, p. 85).

O presente é visto como um tempo sem extensão; o passado e o futuro existem porque estão ligados à linguagem. O passado não é mais e o futuro não é ainda. Daí que, no verso 3, temos um futuro em relação a um presente do “eu” implícito (“da próxima vez não vai ser tão fácil”). As marcas de futuro são constatadas pela locução verbal, *vai ser*, e pela locução adverbial, *da próxima vez*. O sujeito reconhece pela experiência (trânsito do verso 2 para o 3) que, no futuro, a vinda do acontecimento não será tão fácil de suportar, diferentemente, pois, da sua posição no verso 2 em que acreditava ter competência (o “saber fazer”) para suportar tal acontecimento, negado, inicialmente, no verso 1.

2.3. Verso 4

“Quem já não passou por isso?”

O pretérito perfeito do verbo “passar” manifesta aspectualização terminativa, anterior ao presente da enunciação; nesse verso, o enunciador encontra-se implícito. A pergunta do enunciador focaliza um presente simulado, tempo em que ele se insere no grupo dos que admitem o acontecimento e, por isso, inclui-se nesse todo. Se todos passaram “por isso”, ele também está sujeito a passar. Encontra-se, então, o enunciador resignado, pois ele se descobre não diferente do outro; o outro não seria mais que outro *ego*.

É de ressaltar que optamos por considerar os quatro versos numerados do poema estudado aqui neste artigo como produto de um enunciador tão somente. A possibilidade de leitura que considerasse quatro enunciadores para os enunciados numerados conduziria essa leitura semiótica para outras considerações, o que, no momento, não nos interessa. Consideramos mais oportuno a oposição “individual” *versus* “outro”, que dá unidade aos quatro versos de “Fenomenologia da resignação”.

2.4. Isotopias no poema “Fenomenologia da resignação”

Rever algumas figuras é relevante para a compreensão do percurso da resignação no poema de José Paulo Paes. Entre elas, ressaltamos:

- (a) **Filosóficas:** no discurso, encontramos no enunciado temas da fenomenologia, que se opõe ao *nome-nom*; nesse caso, temos uma revelação, a descoberta do “eu” resignado. Verificamos também o tema da filosofia “socrática” (o poema está dentro do livro intitulado *Socráticas*), que nos leva ao aforismo de Sócrates: “Conhece-te a ti mesmo”. No caso, o percurso do insubmisso no parecer que se reconhece ao final como ser resignado, como qualquer pessoa. Enquanto a fenomenologia nos leva à percepção da realidade do mundo, a filosofia socrática nos leva ao conceito, ao mundo das abstrações.
- (b) **Cristã:** o tema da resignação é particularmente cristão, com a diferença de que a resignação cristã é vista euforicamente, enquanto no poema é vista de forma disfórica. De um lado, temos um diálogo com um aforismo socrático (intertextualidade): “Conhece-te a ti mesmo”, e, de outro lado, o diálogo com um poema do mesmo livro (*Socráticas*, 2001) em que encontramos este poema sob análise: “Os filhos de Nietzsche”: “— Deus está morto, tudo é permitido! / — Mas que chatice!”. Não sabemos se o substantivo “chatice” se refere ao aforismo de Nietzsche de “Deus estar morto”, ou “de tudo ser permitido”, o que nos permite detectar a disforia dos valores cristãos no poema de José Paulo Paes. Esse mesmo embate do enunciador do poema “Os filhos de Nietzsche” dá-se em “Fenomenologia da resignação”, mas agora o enunciador — retomando Sócrates, e através de um poema formado de figuras lógicas, como premissas entimemáticas — contesta os valores cristãos da resignação. A resignação não seria uma qualidade cristã, mas uma fatalidade humana. A ilusória insubmissão inicial revela-se ao final resignação total, daí fenomenologia. Ora, para se perceber de posse da resignação, o sujeito tem de perceber-se não insubmisso. Ressaltamos que a percepção aqui foi mencionada em termos fenomenológicos. Sócrates partiria do conceito de resignação para chegar, por dedução, ao sujeito resignado. Para a fenomenologia da percepção, de Merleau-Ponty (2006), *grosso modo*, o caminho é justamente o contrário: parte-se do sujeito e de suas experiências sensíveis para se chegar à resignação. De certa forma, o sujeito do poema faz um percurso “fenomenológico” a partir de suas experiências com o *sobrevir*. O sujeito inicial exclui-se da participação no todo (resignado) para, ao final, verificar-se incluso na totalidade dos resignados,

uma propriedade humana. Exclui-se para, com objetividade, chegar à conclusão de que é parte de um todo (outro).

- (c) **Subjetividade** (comigo (eu) = individual) **vs. objetividade** (quem = outro = coletivo): o *eu* só consegue “ser” e “parecer” resignado no momento em que tem o outro, o coletivo, como espelho. A partir do todo, ele se vê igual a todos, não incólume aos acontecimentos da vida. O outro, neste poema, é manifestado pelo pronome interrogativo “Quem”.

3. Modalização e paixão

Após o exame das isotopias, verifiquemos a modalização no poema:

1. No primeiro verso, modalizado o sujeito pelo *crer*, configura-se o efeito de *sentido de confiança* que impede esse sujeito *insubmisso* de ser resignado: “comigo isso jamais aconteceria”.
2. No segundo verso, o sujeito *não insubmisso* abre uma possibilidade para o acontecimento (“se acontecer”) e é modalizado pelo *saber fazer* (“eu sei o que fazer”).
3. No terceiro verso, já aconteceu (o que é catalisável de “da próxima vez”) e ele caminha para a resignação: “não vai ser tão fácil”. *Eu* ainda não resignado.
4. No quarto verso, o sujeito rende-se e encontra uma saída (descoberta) discursiva para a aceitação de seus limites: o *eu*, como parte de uma totalidade, não pode senão aceitar os acontecimentos: “quem já não passou por isso?”.

Noutros termos, trata-se do percurso da paixão da resignação, constante do título deste trabalho. No poema de José Paulo Paes, o percurso do sujeito da enunciação vai da “insubmissão” à “resignação”, passando pela “não insubmissão” e pela “não resignação”.

Vejamos o percurso da resignação.

No verso 1, o sujeito *insubmisso* (paixão da *insubmissão*) tem convicção de estar imune a qualquer acontecimento. Ele “crê-ser” incólume aos acontecimentos. Portanto, manifesta uma paixão da ordem da *confiança*, uma situação de *relaxamento* (“1 Comigo isso jamais aconteceria”). Relaxado, porque está em estado de “continuação da continuação” (Zilberberg, 2006, p. 139); noutros termos: a cifra tensiva dada no nível discursivo pelo advérbio “jamais” o coloca em um relaxamento da ordem do continuativo, da *confiança*. O valor da resignação no primeiro verso é repellido pelo sujeito, é disfórico, portanto. *É de notar que a resignação já existe no verso 1, mas por oposição aos que são resignados.*

No verso 2, o sujeito está no estado de não *insubmissão*. Passamos, nesse momento, da *confiança* para a “*não confiança*”. Ele já não “crê-ser” *insubmisso*, mas ainda não é totalmente resignado: uma situação de *contenção* (“Se acontecer, eu sei o que fazer”). A cifra tensiva aqui é dada no nível discursivo pela conjunção hipotética “se” que instala a “*não confiança*”, uma “parada da continuação”: o sujeito se depara com a possibilidade de sofrer um acontecimento, um revés. Teríamos, então, a “parada da continuação” do estado passional da *insubmissão*. Daí ser um sujeito contido, já não senhor absoluto da *confiança* de que nada lhe acontecerá. É de ressaltar que, excetuando esse segundo verso, em nenhum outro há a presença de vírgulas. Ora, como a poesia valoriza também o significante, ou seja, a expressão, podemos depreender da presença de tal pontuação uma “parada da continuação” no enunciado. Um semissymbolismo: vírgula na expressão, parada no conteúdo (percepção da presença de um acontecimento [campo de presença], proximidade de chegada de um antissujeito = se acontecer).

Nos versos 3 e 4, o sujeito não resignado caminha para a resignação. Em 3, ele não crê que não é resignado (não-crê-não-ser), ou seja, ainda não é totalmente um sujeito da resignação. Quanto à tensividade, temos uma situação de *distensão em relação à retenção do estado de resignado*, porque, sempre que ocorrem novos acontecimentos, ele experimenta uma nova situação de tensão. Quando o sujeito vence o antissujeito, retoma o estado de *distensão*. No nível discursivo, esse vaivém é depreendido pela locução adverbial “da próxima vez”, que o coloca como sujeito que já teve contato com uma experiência anterior e espera o próximo acontecimento. Ele caminha, então, para o estado passional de *resignado*, afirmando pelo enunciado que “da próxima vez não vai ser tão fácil”. Há uma “parada da parada” na *insubmissão* que manifesta um sujeito que já provou da resignação, abandonando momentaneamente seu estado de *insubmisso*, visto já ter passado por um acontecimento. A avaliação contida em “não vai ser tão fácil” pressupõe um sujeito de posse de uma competência anterior: o “*não resignado*” a caminho da “*resignação*” já não acredita que não possa passar por outro antissujeito e não superá-lo, embora tal obstáculo possa apresentar-lhe alguma dificuldade, o que é muito diferente do estado passional do verso 1 (“comigo isso jamais aconteceria”). Caminhamos para um sujeito em estado de *retenção*, capaz de aceitar todos os acontecimentos do percurso de sua vida e de vir a sofrer com isso, fato que vai predispor-lo a novos acontecimentos. O sujeito espera permanentemente que algo lhe possa acontecer e causar-lhe sofrimento, mas, como é resignado, como se conhece, porque se descobriu, sabe que pode suportá-lo. Dessa forma, o revés que chega passará e virá outro que também passará, um ciclo capaz de fazer com que o resignado

questione no enunciado do quarto verso: “Quem já não passou por isso?”. Assim como a reiteração do revés no percurso do sujeito é uma invariante, de igual forma é invariante também a superação do antissujeito, pois sempre há, como diz o enunciado do verso 3, uma “próxima vez”.

4. O ser e o parecer

Focalizemos agora o *ser* e o *parecer* dos enunciados do poema “Fenomenologia da resignação”, visto que os estudos até aqui empreendidos nos remetem a essas considerações.

No verso 1, diferentemente do enunciado do título, embora o sujeito se afirme insubmisso, verificamos que tal manifestação é apenas da ordem do *parecer*, pois a sequência dos versos 1 até o 4 mostra um percurso que vai da insubmissão à resignação. O sujeito *parece ser* insubmisso, mas não o *é* (e temos, portanto, uma ilusão). O sujeito tem a ilusão de *ser insubmisso*. A revelação do *ser resignado* (manifestação do segredo) só se dá ao longo do poema. Nunca é demais retomar o começo desta leitura em que constatamos que etimologicamente *resignar* é também descobrir, ou seja, o sujeito descobre-se, percebe-se um *resignado*, passa a ter conhecimento (competência de *saber-se* igual às partes) de que é igual aos outros, de que está sujeito aos mesmos acontecimentos. E outra vez, batemos à porta do aforismo socrático (“conhece-te a ti mesmo”), lembrando ainda que o poema sob leitura está dentro de um livro intitulado *Socráticas* (2001).

“Fenomenologia da resignação” manifesta um segredo: ele tem a ilusão de ser insubmisso, mas é resignado. A insubmissão é puramente do nível discursivo, em que o sujeito, no início, parece “insubmisso”, mas não é. Ele é um sujeito que já está incluído no outro, ou seja, os resignados. Enquanto o sujeito está tomado pela paixão discursiva da insubmissão (“comigo isso jamais aconteceria”), não há espaço para a descoberta do segredo de que é parte de um todo [outro] resignado. Logo, não pode ser senão também resignado, ou seja, aceitar seus limites. O sujeito tende a afirmar-se exclusivo, individual, insubmisso, independente, mas é participativo, faz parte de uma rede interdependente (os resignados).

Ao tratar da resignação, o sujeito percebe que os acontecimentos têm um percurso, cujo *continuum* compreende tonicidades e atonicidades, paradas e continuções, apogeu e declínio, como diz Mário de Andrade (1987, p. 71) no “Prefácio interessantíssimo”: “As decadências não vêm depois dos apogeus. O apogeu já é decadência, porque sendo estagnação não pode conter em si um progresso, uma evolução ascensional.” O sujeito resignado seria, pois, aquele que tem o *saber* de que os acontecimentos, ao atingirem o apogeu da tonicidade, não podem ir além desse “mais mais”,

iniciando-se, em seguida, o percurso do “menos mais” em direção à atonicidade.

En passant, o que se observa no plano do conteúdo também pode ser visto no plano da expressão. *Grosso modo*, nessa leitura, detectamos um semissymbolismo:

- No verso 1, partimos de um verso alexandrino (12 sílabas poéticas), com tonicidade na sexta e décima segunda sílaba: “Comigo isso *jamais* aconteceria”. Um verso alexandrino é um verso clássico, raro, de poucos (sujeito que se exclui da participação). *Apogeu* = “mais mais”.
- Nos versos 2 e 3, temos um decassílabo heroico (10 sílabas poéticas), com tonicidade na sexta e na décima sílaba: “Se acontecer, eu *sei* o que fazer”/“Da próxima vez, *não* vai ser tão fácil.” Começo da queda: de 12 para 10, mas ainda assim são versos clássicos, não populares (sujeito não exclusivo/não participativo). *Início da queda* = “menos mais”.
- No verso 4, temos o sujeito que abandona o elitismo do verso alexandrino e do verso decassílabo clássico em que ele não se percebia parte do outro para assumir a expressão popular (redondilha maior: 7 sílabas poéticas): “Quem já *não* passou por *isso*?”. Temos a descoberta de que o eu é parte do outro. Não há exclusividade, todos passam por isso.

Homologando, temos:

12/10-10/7	Exclusão/não-exclusão/Participação
PE	PC

Com base na homologação acima, podemos concluir que o mesmo percurso no conteúdo pôde ser verificado na expressão. O sujeito resignado seria, pois, aquele que tem o *saber* de que os acontecimentos, ao atingirem o apogeu da tonicidade, não podem ir além desse “mais mais”, iniciando-se, em seguida, o percurso do “menos mais” em direção à atonicidade, como mencionamos nesta análise. Dessa forma, o mesmo acontece com a expressão: o poema inicia com um verso alexandrino, clássico, dez sílabas, e termina com um verso de redondilha, da égide do popular, sete sílabas (redondilha). Verificamos, então, o mesmo percurso no plano da expressão e no plano do conteúdo: (1) *no plano do conteúdo*, temos o percurso da *exclusão* (no início, o sujeito se excluía do grupo dos resignados, como dissemos) à *participação* (no último verso, o sujeito se inclui no todo) e (2) *no plano de expressão*, temos o percurso que vai do verso raro, com dez sílabas, (*exclusivo*,

os alexandrinos) para o verso popular de sete sílabas (*participativo*, as redondilhas).

Por fim, temos um sujeito que toma conhecimento de que é resignado a partir do confronto com o outro. Daí a percepção fenomenológica sugerida pelo título. É um sujeito que, paradoxalmente, valoriza a insubmissão, mas é tão resignado quanto o outro, o todo. Daí uma *sintaxe geral possível*, uma *direção*: da exclusão para a participação. ●

Referências

- Andrade, Mário de
1987. *Poesias completas*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp. (Edição crítica de Diléia Zanotto Manfio).
- Benveniste, Émile
2006. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes.
- Fiorin, José Luiz
2001. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática.
- Greimas, Algirdas Julien; Courtés, Joseph
1983. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cutrix.
- Hjelmslev, Louis
1975. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva.
- Houaiss, Antonio; Villar, Mauro de Salles
2001. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Merleau-Ponty, Maurice
2006. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes.
- Paes, José Paulo
[2001]. Socráticas. In: Paes, José Paulo. *Poesia completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- Zilberberg, Claude
2006. *Razão e poética do sentido*. São Paulo: Edusp.

Dados para indexação em língua estrangeira

Tomasi, Carolina

The Course of Resignation: Semiotic Reading of the poem “Fenomenologia da resignação”, by Jose Paulo Paes

Estudos Semióticos, vol. 7, n. 2 (2011), p. 8-15

ISSN 1980-4016

Abstract: *The aim of this paper is to propose a semiotic reading of José Paulo Paes’ poem “Fenomenologia da resignação”. The present text is divided into three parts. We start with approaching enunciation and isotopies, at the discursive level. Then, we consider the course of the “I”. And, finally, we examine modalization and passion as well as being and being like. Finally, we present a brief conclusion, stressing phenomenological aspects of perception which range from exclusion to participation. This paper focuses on the course of resignation, which goes from subjectivity to otherness. To undertake this reading we have referred to French semiotics. We prefer the term “reading” to “analysis” since the latter consists of a broader topic of study. For Hjelmslev (1975, p. 27), analyses are to be exhaustive, task which is more appropriate to a deep investigation, what doesn’t configure the scope of this paper. Based on the reading of José Paulo Paes’ poem, and we verify how this poetic text beomes a semiotic object (Greimas; Courtés, 1989, p. 313). By dealing with resignation, the individual notices that events have a course, whose continuum holds tonicities and atonicities, pauses and continuations, peaks and decays, as Mário de Andrade (1987, p. 71) says in “Prefácio interessantíssimo” in *Pauliceia desvairada*: “Decays do not come after apogees. An apogee is already a decay, since being stagnation it cannot comprise any progress in itself, any ascensional evolution.” The resigned individual would then be the one who “knows” that events, when they reach their apogee of tonicity, cannot go beyond this “more of more”, and start then their course to “less of more”, towards atonicity.*

Keywords: *enunciation, modalization, passion*

Como citar este artigo

Tomasi, Carolina. O percurso da resignação: leitura semiótica de “Fenomenologia da resignação”, de José Paulo Paes. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: (<http://www.fflch.usp.br/dl/semiologica/es>). Editores Responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 7, Número 2, São Paulo, novembro de 2011, p. 8-15. Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento do artigo: 17/12/2010

Data de sua aprovação: 17/03/2011
